

‘SER’, ‘ESTAR’, ‘FICAR’, ‘HAVER’ E ‘TER’ CONTRA ‘HA’, ‘BLI’ E ‘VÆRE’: QUEM DISSE QUE ERA FÁCIL TRADUZIR SENTIMENTOS E SENSAÇÕES?

DIANA SANTOS
Universidade de Oslo

ABSTRACT

It is well known that some kinds of expressions with so-called “have” and “be” verbs behave differently across languages, as is the case with Portuguese and Norwegian *tenho medo/pena* (“have fright/sorrow”) or *være redd/lei seg* (“be scared/sorry”). But to what extent is this difference important for the translation of this class of verbs (given that there are a few that literally correspond to English *be* and *have*, in the two languages)?

In this paper I discuss what a corpus of (student) translations between Portuguese and Norwegian (PoNTE) can tell us about eight very frequent verbs (five Portuguese and three Norwegian), that range from auxiliaries to full lexical verbs, and which stand out as some of the most challenging ones to learn for foreign learners.

After presenting an overview of their occurrence, in original and translated text, I go deeper into the functions of the Portuguese verbs by classifying every case in the source texts according to fifteen categories, thereby providing an interesting bird’s eye view of their distribution.

I then narrow my study down to the cases where feelings or sensations or moral judgements are expressed, and present their full range of translations to illustrate the many issues involved. I end the paper on the subject of translation complexities by presenting further interesting cases involving (the translation of) these verbs.

[1] INTRODUÇÃO

O triplo *ser*, *estar* e *ficar* é fundamental em português, representando respectivamente uma propriedade essencial, acessória ou ocasional, e o resultado de uma mudança, veja-se Santos (1996); Maia (1994). Estes três verbos são também usados como auxiliares da passiva, e como localizadores no tempo e no espaço.

Haver é usado para expressões existenciais sem sujeito, e em português do Brasil foi quase inteiramente substituído por *ter*.¹

Ter, além de ser usado para posse e descrição de partes não alienáveis, tal como as línguas germânicas usam *have* (em inglês) e *ha* (em norueguês), é usado em muitos contextos em que as línguas germânicas usam o verbo *be* (em inglês) ou *være* (em norueguês), em particular na descrição de sentimentos ou sensações: *ter fome, medo, frio*. Finalmente, *ser* (e apenas *ser*) é usado em construções de realce e de identidade², sendo portanto o mais frequente destes verbos.

Em norueguês (veja-se por exemplo Ebeling (2000); Engh (1976); Faarlund et al. (1997)), *bli* e *være* são também usados para a passiva, e a sua distinção é normalmente (ou parcialmente) descrita como o primeiro focando a ação e o segundo o resultado. Outra forma de os distinguir é observando que *være* descreve uma situação durativa enquanto *bli* marca o instante de mudança de estado. No que se refere ao tempo, *bli* é usado para acontecimentos futuros, enquanto ambos os verbos são usados no passado. Isto porque *blir* no presente apenas se refere ao futuro, enquanto *er* (forma do verbo *være*) pode referir-se – e geralmente refere-se – ao presente. Relembro que o norueguês, como língua germânica, não tem um tempo futuro, usando verbos modais para se referir ao futuro – ou ao presente.

Quanto ao verbo *ha*, semelhante ao verbo inglês *have*, é bastante diferente do verbo *ter*, pelo menos no que se refere aos seus contextos de uso.

Finalmente, a localização espacial, que é uma das funções inegáveis de *estar*, *ser* e *ficar* em português, raramente é descrita por estes verbos, visto que o norueguês é particularmente rico em verbos de posição e de movimento.

Neste artigo, mostro que um corpo paralelo permite identificar muitos casos interessantes, e apontar para dificuldades na prática da tradução e no próprio ensino e compreensão das diferenças entre as línguas. Depois de uma visão global do material e do que nos pode mostrar, dedicar-me-ei em especial ao tema dos sentimentos e sensações.

[2] PONTE

O corpo utilizado é o PoNTE, Portuguese Norwegian Translation Examples, que tem vindo a ser criado desde 2011, correspondendo portanto a seis semestres. Este corpo contém traduções dos meus alunos ou examinandos, de português para norueguês e de norueguês para português, de um conjunto de textos curtos que eu lhes forneço para os expor tanto à tradução como à diferença entre os géneros.³

[1] Existe, é bem sabido, outro uso de *há* e *havia*, como preposições temporais, que não sofreu o mesmo destino, mas tende também a ser substituído no Brasil por *faz* ou *fazia*, formas do verbo *fazer*. Ambas as substituições são indiscutivelmente motivadas por questões fonológicas visto que, em português do Brasil, *a*, *à* e *há* se ouvem da mesma maneira.

[2] Exemplos de cada caso são *Foram os portugueses que descobriram o Brasil*, e *Do Brasil é donde veio o samba*.

[3] A lista dos textos pode ser consultada no sítio do projeto, <http://www.linguateca.pt/PoNTE/>.

Os textos são alinhados automaticamente e depois o alinhamento é revisto. No caso das traduções para português, os erros linguísticos são corrigidos, mas não os erros de tradução ou mesmo de redação.⁴

TABELA 1: Caracterização quantitativa dos textos em português, indicando o número de traduções para norueguês, o tamanho em palavras (formas) e em palavras distintas (tipos).

Texto	Trads	Formas	Tipos	Ser	Ter	Estar	Ficar	Haver
AMAZ	10	161	113	6	0	0	0	0
BP	5	276	162	4	1	1	0	1
BRI	16	234	142	4	0	2	1	2
CAMP	9	456	233	2	0	0	0	0
CAR	18	646	299	13	3	1	0	1
CIE	16	1234	454	38	15	7	1	0
DDS	3	687	272	23	1	15	0	3
DIL	11	958	436	25	5	2	1	2
DSC	17	795	400	16	8	2	0	1
EDS	6	305	156	17	6	0	0	0
ELEI	7	734	322	1	0	0	0	0
EPA	4	1383	525	27	9	8	3	0
EXA	9	105	70	8	2	0	0	0
JP	4	346	196	8	2	0	1	0
LOG	2	417	202	12	1	0	0	2
MEC	1	857	306	50	16	2	0	0
MIA	5	834	403	23	3	4	1	5
MRC	14	758	326	25	4	1	0	6
MUL	3	448	264	10	5	2	0	1
OC	18	746	346	17	5	1	0	0
PIB	2	379	190	1	0	0	0	0
SEM	6	371	212	6	4	1	0	0
SPG	1	557	270	7	5	3	3	1
TED	6	368	209	16	1	0	0	2
VAN	2	347	156	9	0	0	0	0

Há que chamar a atenção para o facto de que a maior parte dos alunos (cujas traduções estão incluídas no PoNTE) têm o norueguês como língua materna, mas não exclusivamente: até agora, três eram falantes nativos de português e um de polaco, o que quer dizer que o próprio norueguês nas traduções do PoNTE pode

[4] Ou seja, erros de ortografia, de preposições associadas a verbos ou adjetivos, de ordem de palavras, ou de concordância. Conforme Belinda Maia observou, esta distinção entre erros de língua e de tradução pode ser problemática, como constatámos em Santos et al. (2004), e como o exemplo (19) exemplificará.

ser incorreto, e os exemplos que apresento podem não conter apenas erros de tradução, mas também erros de língua. Ao contrário da tendência pedagógica moderna para apenas aceitar traduções feitas para a língua materna dos alunos, considero possível que em alguns casos a tradução da sua própria língua os torne mais recetivos para diferenças finas de registo ou de intenção, como defendido por [Malmkjær \(1996\)](#).⁵

Uma das grandes qualidades do PoNTE é conter múltiplas traduções (independentes) de um mesmo texto, o que pode mostrar ao professor o que é mais difícil em geral e o que é fácil (ou que pelo menos não apresenta problemas), além de dar uma ideia do leque de opções de tradução disponível. Outra capacidade, cuja futura implementação é discutida em [Santos \(2014b\)](#), é a de procurar nas anotações críticas associadas a cada alinhamento, e ao conjunto de alinhamentos. Ou seja, desde que essa anotação crítica tenha sido codificada, poder-se-á procurar casos de “valores culturais distintos” ou “mudança de voz” ou “mudança de sentido”.

A arquitetura é pois diferente do CorTrad, [Tagnin et al. \(2009\)](#), em que as múltiplas traduções correspondem a diferentes versões (melhorias) de uma mesma tradução, não sendo portanto independentes.

TABELA 2: Textos em norueguês traduzidos para o português.

Id	Trads	Formas	Tipos	Være	Ha	Bli
BEB	2	1314	501	47	15	10
BRS	9	523	262	9	4	0
CLI	11	192	130	4	3	2
DN	3	362	222	7	5	0
KB	2	370	222	12	5	1
MOB	13	480	258	14	4	4
MUS	3	389	224	5	6	0
QUEI	8	1261	450	46	23	2
SAU	14	606	324	15	8	5
VES	6	570	282	24	3	0

Nas tabelas 1 e 2 apresento uma descrição quantitativa dos textos originais do PoNTE à data de dezembro de 2013, versão em que os estudos aqui apresentados se baseiam.

Uma das razões para estudar o contraste entre os verbos em questão é que são muito frequentes, e portanto poucos textos mesmo assim já nos fornecem muitos resultados.

[5] Seja como for, conto numa fase seguinte tornar a informação da língua materna do tradutor disponível para procura, de forma a que futuros utilizadores do PoNTE possam averiguar, ou mesmo filtrar, os exemplos com base nessa informação.

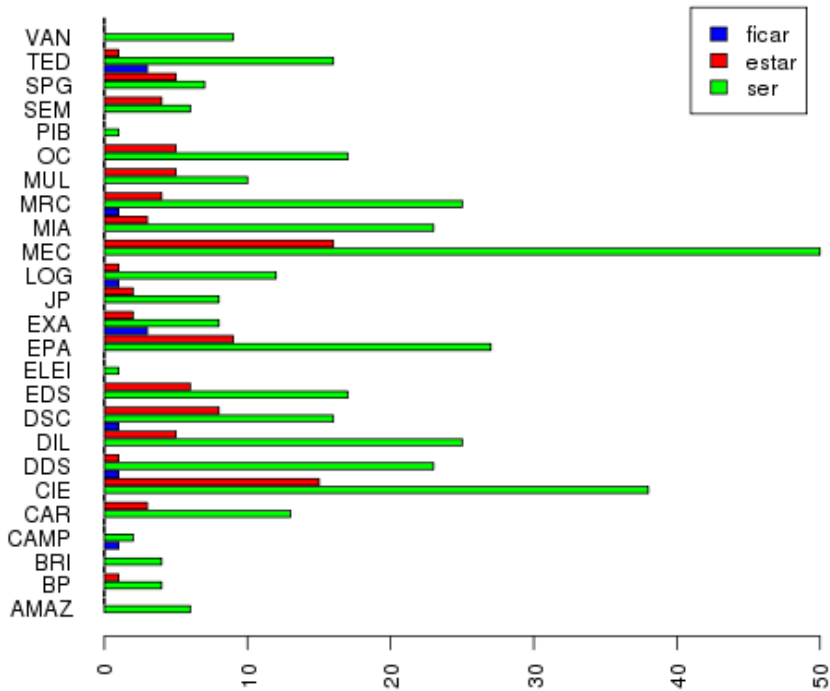


FIGURA 1: Distribuição dos três verbos portugueses pelos diferentes textos.

Não existe muito material contrastivo entre as duas línguas, embora o ENPC (Oksefjell (1999)) – mais tarde OMC – tenha incluído a tradução portuguesa de vários textos cujo original era o norueguês, e seja a minha intenção, num futuro próximo, criar um corpo nas duas direções que inclua esses textos, e outros na direção oposta.

Que eu saiba, este é o primeiro corpo que reúne o material criado por aprendizes de tradução neste par de línguas, embora existam estudos sobre traduções publicadas, como o de Nilsson (2002). Para português e inglês, existe o material de Oliveira (2012), que o precede, e que corresponde à produção de um número muito maior de alunos (brasileiros aprendentes de inglês).

Para poder explorar convenientemente o material que constitui o PoNTE, além de poder consultar separadamente cada texto e suas traduções, é possível interrogar o PoNTE distribuído e o PoNTE compacto. No primeiro, cada par de tradução

conta uma vez (por isso se um texto foi traduzido dezasseis vezes cada frase se encontra dezasseis vezes no lado original); no segundo, cada texto original só existe uma vez, mas alinhado com o número de traduções a que tiver sido sujeito.

[3] CONTRASTE ENTRE AS LÍNGUAS

A minha posição teórica é clara: considero que as línguas são sistemas diferentes de codificação do mundo e da cultura, e como tal a tradução é uma ponte entre dois mundos, e não apenas uma paráfrase noutra língua.

Mesmo que o sistema biológico seja igual para todos os indivíduos, o que eles aprendem, e o que eles recebem através do “leite linguístico” da mãe (a língua materna) é condicionante dos seus hábitos de pensamento e do seu comportamento na vida. Como [Allwood \(1995\)](#) sugere, a língua é a codificação de uma memória coletiva – e cada língua, sem o saber, conserva uma memória diferente. Mas como não é só a memória mas sim a criatividade e a inovação que são ingredientes essenciais da vida humana, a todo o instante novas vivências, ideias, contatos e artefactos fazem com que a língua evolua, mas que algo também se perca. Existem factos na língua que são muito antigos – o substrato da diferença entre *ser* e *estar* pode até ser celta, anterior ao latim, mas outros existem que começaram há menos de 30 anos, como é o caso do renascimento do pronome *vos* (substituindo *lhes*) em Portugal associado à terceira pessoa do plural (*vocês*), e não à segunda (*vós*, de cerimónia), que já está praticamente morta.

Porque acredito que existem dados e factos mais do que suficientes para demonstrar a plausibilidade deste ponto de partida (a incomensurabilidade de sistemas linguísticos diferentes), a única solução metodológica é a de comparar as línguas baseando-me na sua tradução, em vez de pressupor uma semelhança semântica para além da mera prática tradutória que os dicionários bilingues consagram.

Estou, aliás, convencida de que a própria prática da tradução é um dos grandes motores da mudança semântica e da evolução das línguas, e muitos erros (causados por exemplo por sócias enganadores) passam a fazer parte, após algumas gerações ou mesmo apenas anos, do leque de opções da língua. Tal aconteceu com *aceder* ou com a expressão *é suposto* (da década de 90 para cá, veja-se [Santos \(2007\)](#)), e está presentemente a acontecer com *realizar* e com *partilhar*, assim como com a estrutura da frase. (Neste momento, a influência reinante no português é a do inglês, mas antes já foi do francês, assim como será das línguas africanas nos falares de Angola e de Moçambique.)

Embora o PoNTE tenha sido primariamente criado para dar oportunidade aos alunos de refletir sobre a sua criatividade e competência linguísticas, também é um excelente recurso para investigar as questões que põem mais dificuldades na passagem entre as duas línguas, como este artigo pretenderá demonstrar.

[4] ALGUNS PRESSUPOSTOS DA PRESENTE ANÁLISE

Um dos primeiros problemas com que deparamos na comparação destes verbos frequentes é o seu estatuto: são auxiliares, semi-auxiliares, verbos suporte, verbos plenos? Não querendo desprezar a complexa literatura sobre o assunto (veja-se por exemplo Pontes (1973); Ranchhod (1990)), parece-me mais avisado começar por estudar estes verbos na sua totalidade em vez de dividi-los logo em facetas estanques, como também é proposto por (Vilela 1994, cap. 3 e 4).

Quando se põe a questão da tradução, mais algumas decisões têm de ser tomadas: Na minha opinião, não é uma questão de estritamente ter um verbo traduzido por outro, mas sim uma questão de campos semânticos que usam diferentes verbos (de suporte?). Onde acaba o significado do verbo e começa o da palavra que ele apoia? Será que interessa delimitar, ou não será mais produtivo simplesmente tomá-los como conjuntos que são traduzidos em conjunto? Concretizando, *ter fome - være sulten* não significa que *ter* sozinho foi substituído por *være*, nem *fome* por *sulten*, mas sim esses contextos, indissociáveis, são substituídos “em bloco”.⁶ Mas, embora isto até seja ensinado nas primeiras aulas de português como língua estrangeira, tem muito mais ramificações do que se poderia pensar, como o seguinte exemplo do PoNTE mostra.⁷

- (1) *Tenho* certeza, senhoras e senhores, de que este será o século das mulheres.
[DIL]
Jeg er sikker, mine damer og herrer, på at dette vil bli kvinnes århundre.
“estou certa de que (...)”

Por outro lado, a adição deste tipo de verbos na tradução, ou a sua eliminação, são extremamente frequentes, vejam-se os exemplos (2) a (7). Em particular a aparente necessidade de adicionar o verbo *ha* em muitos contextos em que não há verbo em português:

- (2) Seu IDH, de 0,902, é semelhante ao da Itália [CAR]
Dens IDH, på 0,902, er lik den Italia *har*.
“(...) igual ao que a Itália tem.”
- (3) É raro encontrar no mundo uma cidade com tanta diversidade quanto o Rio de Janeiro. [CAR]
Det er ikke mange byer i verden som *har* så stort mangfold som Rio de Janeiro.
“(...) que tem tão grande diversidade como (...)”

[6] Além disso, note-se que *sult* e *faminto* também existem, por isso esta correspondência nem pode ser atribuída a uma questão de falhas lexicais (“lexical gaps”).

[7] Para alargar a audiência do artigo a todos quantos lêem português mesmo que não saibam norueguês, coloco entre aspas a tradução literal da parte relevante, a seguir ao norueguês.

- (4) Saber dar pontapés na bola era considerado como suficiente garantia da competência de árbitro. [EXA]
 Å kunne sparke til en ball ble regnet som en tilstrekkelig garanti for at man hadde kompetanse som dommer.
 “(...) para que se tivesse competência como árbitro.”

Ou omiti-lo na tradução para português:

- (5) Denne ville jeg også gjerne ha som bilag til min søknad. [MUS]
 “(...) ter como anexo (...)”
 Precisava também desta, como anexo ao meu pedido de financiamento.
- (6) Hva vil du ha til middag?
 “queres ter ao jantar”
 O que queres para o jantar?
- (7) Jeg har ikke lyst til å ha noen spesialbehandling. [QUEI]
 “(...) ter nenhum tratamento privilegiado”
 Eu não quero tratamento especial,

Outro caso relevante para a compreensão das possíveis dificuldades de análise – e de conseqüente tradução – é o facto de, mesmo numa língua só, a interação de diversos fatores poder conduzir a casos inesperados. Por exemplo, como (Pontes 1973, págs. 73 e seguintes) aponta, a passiva funciona de forma diferente com verbos como *mandar* ou modais como *ter de*:

- (8) O teatro de Sabará *foi mandado restaurar* por Israel.
 (9) A casa *teve de ser comprada* por mim.

que correspondem, respetivamente, à passiva de

- (10) Israel *mandou restaurar* o teatro de Sabará.
 (11) Eu *tive de comprar* a casa.

Existem, de qualquer maneira, muitos factores relevantes em relação à tradução, que geralmente não são mencionados nos dicionários ou textos didáticos mas que não deixam de se fazer sentir na prática:

- Diferentes tempos verbais aplicados a um mesmo item lexical podem ter diferentes traduções (Santos (1998)), sobretudo no caso de línguas com riqueza muito diferente em termos de tempos verbais, como é o caso do português e do norueguês.
- Conversamente, e como amplamente demonstrado por Nilsson (2002), um mesmo tempo em norueguês (no caso, *var* + participio passado) pode ter

traduções em português em muitos tempos diferentes conforme a interpretação dada.

- Por outro lado, o norueguês é muito mais rico em modais e essa interação também influencia frequentemente a escolha dos diversos verbos.

Apenas com a análise dos muitos casos que aparecem nos corpos somos capazes de uma possível sistematização, interessante quer do ponto de vista pedagógico, quer do ponto de vista do conhecimento das duas línguas. Por outras palavras, é indesmentível que a tradução é uma janela para a compreensão da língua, como defendido em Santos (1995).

Contudo, o facto de termos a possibilidade de usar corpos e obter um número razoável de exemplos não significa que não precisemos de analisar esses mesmos exemplos para produzir conclusões linguísticas, como defendo em Santos (2014a): Uma panorâmica numérica é simplesmente o primeiro passo, que nos permite separar o trigo do joio e escolher assuntos que pretendemos investigar, através de uma atribuição de categorias e da inspeção da sua frequência relativa.

No caso presente, embora perfeitamente consciente da delicadeza de muitas destas fronteiras, e da sua diferente realização gramatical nas duas línguas, decidi separar as seguintes categorias semântico-gramaticais representadas na tabela 3 (note-se que a classificação não é mutuamente exclusiva).

A divisão foi fundada no meu conhecimento prévio das diferenças e na convicção de que não seria muito difícil distinguir na maioria dos casos, embora soubesse de longa experiência que existem muitos casos de fronteira, muito especialmente na passiva. Os seguintes exemplos permitem, espero, apreciar a dificuldade de atribuir as categorias elencadas:

- (12) Mas o mundo muitas vezes insiste em caminhar na via do único, do igual, exatamente onde a diversidade *tem* seu maior valor.
Atribuição de característica, ou valor moral?
- (13) *Estou envergonhadíssimo.*
Passiva ou sentimento?
- (14) Era muito extraordinário: o chapéu da Fräulein, por mais que ela o arranjasse e o pregasse, *ficava* sempre tão mal seguro que a mais pequena coisa o fazia tombar para um lado.
Passiva ou lugar/posição?
- (15) E se os Portugueses foram ajudados por inúmera gente de muitos países e tradições, não resta dúvida de que o esforço de aquisição *foi* seu, como sua *foi* a consciência primeira do novo mundo e o desafio àquele que existia
Atribuição ou posse?

TABELA 3: Distribuição por sentido/função nos textos originais; os casos simples de realce com *é que* não foram contados.

Função	Ser	Estar	Ter	Ficar	Haver	Total
Sensação/opinião/julgamento	11	10	13	4		38
Lugar+posição	3	11	0+1	3+2		20
Passiva	73	7		1		81
Tempo	3				1	4
Existência + não	24		11		17+2	54
Acontecimento + não				1	1+2	4
Posse (abstrata+ concreta)	3+0		36+4			39+4
Aspetualizador				3		3
Progressiva		10		3		13
Modal			12		1	13
Tempos compostos			19		3	22
Realce (complexo)	13					13
Exp. idiomáticas	4	22	5	1		32
Usos gramaticais	9					9
Equivalência + não	77 + 10					87
Atribuição	158	3				161
Total	370	62	96	14	27	

De qualquer forma, a tabela 3 dá-nos ter uma primeira ideia da complexidade dos sentidos associados a estes cinco verbos em português. A simples tentativa de agrupar os casos tornou logo patente, também, que em português sensações, opiniões, e julgamentos do foro moral são expressos (e portanto concetualizados?) da mesma maneira – com *ter*, *estar*, ou *ficar* – enquanto a contrapartida natural em inglês seria sempre o verbo *be*, e nos debruçaremos sobre o norueguês na secção 6.

[5] DISTRIBUIÇÃO ENTRE TEXTOS TRADUZIDOS E ORIGINAIS

Antes disso, contudo, tentemos estabelecer uma panorâmica geral do uso destes verbos. (Até agora, o estudo concentrou-se na análise dos textos originais em português, e escolhemos simplesmente algumas traduções mais interessantes para mostrar a diferença entre as línguas.) A primeira coisa que salta à vista é a diferença entre as duas distribuições, tanto em norueguês como em português, no que se refere ao uso relativo dos diferentes verbos, na figura 2 e na figura 3. A “proporção” indicada nas figuras é a razão do número de ocorrências de, por exemplo, o verbo *ser* pelo número de palavras no texto. Embora o número de textos do PoNTE não seja suficiente para poder generalizar o que acontece ao nível das

duas línguas, a consistência entre os resultados parece indicar que estamos em presença de diferenças que vale a pena investigar mais profundamente.

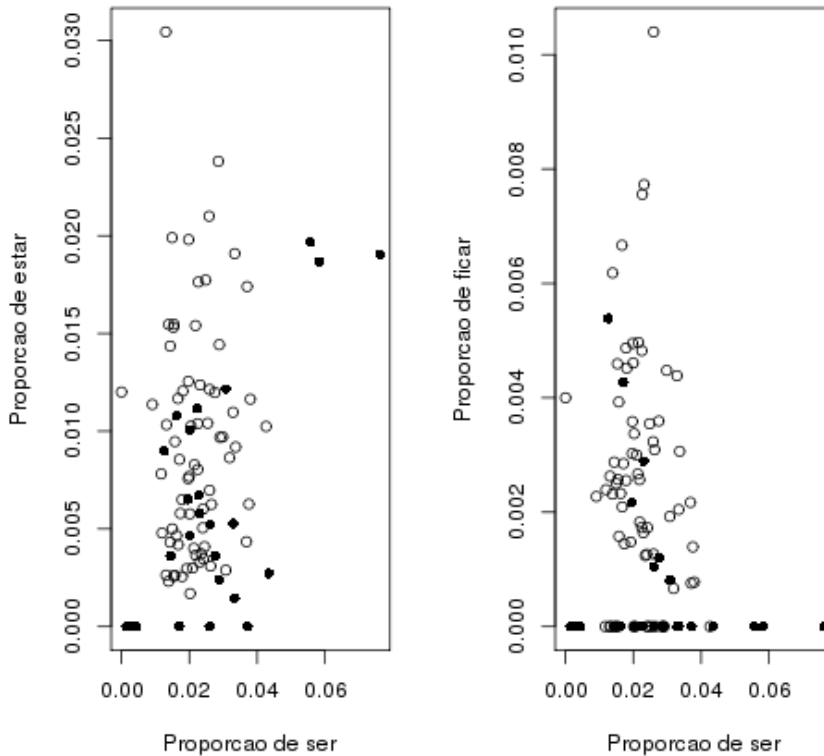


FIGURA 2: Distribuição de *ser* vs. *estar* e *ser* vs. *ficar* em textos originais (bola preta) e traduzidos (bola branca).

Ou seja, observando a figura 2 constata-se que os alunos noruegueses (ou serão os textos noruegueses de que originam) usam *ficar* com uma frequência superior à dos autores de língua materna portuguesa, e também, inesperadamente, usam francamente mais *estar* do que *ser*.

A figura 3, correspondente aos verbos noruegueses *være* e *bli*, em originais e traduções, em que mais uma vez os textos originais estão indicados a cheio, mostra por outro lado que tanto *bli* como *være* são mais frequentes em textos traduzidos do português. Isto pode dever-se a uma maior preocupação dos autores portugueses com questões de essência e permanência, ou refletir simplesmente a falta de verbos de posição e localização em português.

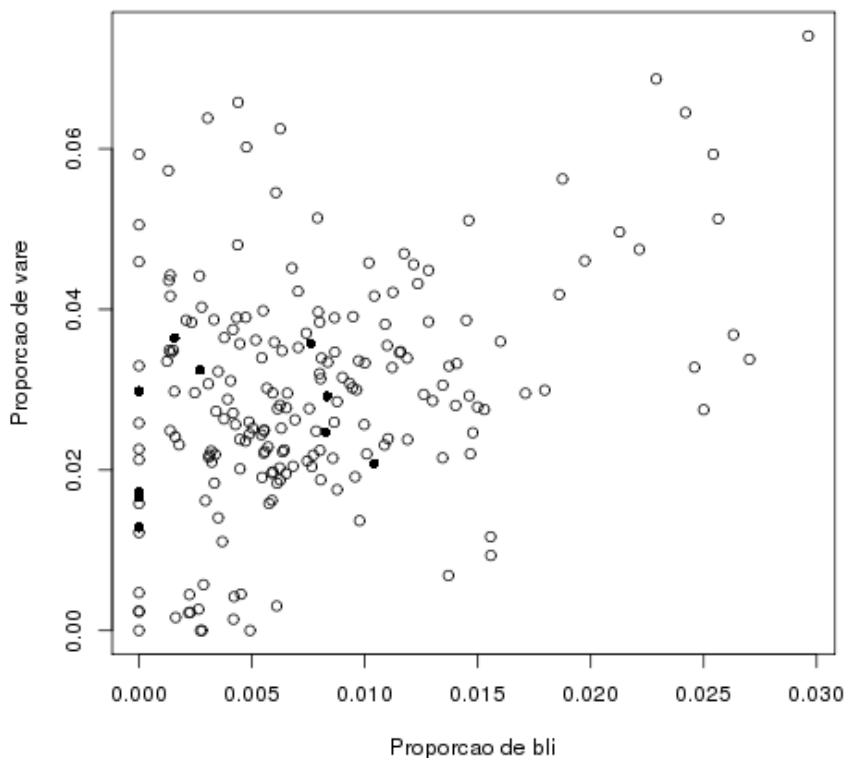


FIGURA 3: Distribuição de *bli* vs. *være* em textos originais e traduzidos.

A este respeito seria interessante comparar com os dados quantitativos relativos aos dois únicos estudos destes verbos que conhecemos, nomeadamente [Ebeling \(2003\)](#) para *bli* e [Ebeling \(2000\)](#) para *det er*, para confirmar se os textos usados no PoNTE concordam (em termos quantitativos) com os textos usados no OMC/ENPC ou se são marcadamente diferentes, algo que infelizmente fica para trabalho futuro.

[6] DISTRIBUIÇÃO DAS TRADUÇÕES

A outra questão, sobre a qual podemos ter mais dados e mais controlo, é a questão da tradução/correspondência (a cada verbo, que outro verbo correspondeu).

Note-se que, como a maioria dos textos (traduções) são escritos por aprendentes, estes vão ser muito raramente radicais na tradução, e o número de alterações pecará por defeito e não por excesso... e por isso podemos confiar que as

reescritas serão, na maior parte dos casos, consideradas necessárias e não artefactos de uma vontade de “domesticação” do texto.⁸

Uma panorâmica inicial grosseira, a partir da versão do PoNTE distribuído, está na tabela 4, cujo estudo detalhado terá de ficar para outra ocasião. (Estes valores ainda têm de ser revistos e melhorados, porque se referem às unidades totais e não às correspondências diretas.)

TABELA 4: Quantos casos de aparente correspondência ou não: o símbolo NÃO pretende identificar uma unidade de tradução sem nenhum elemento do verbo que o segue.

Correspondência	Num	Correspondência	Num
ficar - være	102	ser - være	3119
ficar - NÃO være	81	ser - NÃO være	975
ficar - bli	80	ser - bli	824
ficar - NÃO bli	103	ser - NÃO bli	3270
estar - være	499	ser - ha	869
estar - NÃO være	190	ser - NÃO ha	3225
estar - bli	91	haver - være	213
estar - NÃO bli	598	haver - NÃO være	131
ter - ha	711	ha - ter	781
ter - NÃO ha	521	ha - NÃO ter	689
bli - ficar	78	bli - NÃO ficar	850
bli - ser	653	bli - NÃO ser	275
være - estar	687	være - NÃO estar	3658
være - ficar	130	være - NÃO ficar	4215

[7] A TRADUÇÃO DOS CASOS DE SENTIMENTO E SENSAÇÃO

Os 38 casos identificados como exprimindo ou podendo exprimir sentimento ou sensação em português, correspondentes a 250 pares de tradução, foram inspecionados um a um para identificar quais as traduções encontradas.

A lista encontra-se acessível de <http://dinis.linguateca.pt/dispara/ponte/SensTrad.html>, e poderá também ser obtida através da procura

[lema="(ser|estar|ficar|ter|haver)(.*)*" & sema="SENS"]

no PoNTE compacto. A tabela 5 dá uma ideia de algumas correspondências encontradas, assim como da diferente distribuição deste tipo de expressões nos diversos textos. Se, por exemplo, *ter razão* é sempre traduzida da mesma maneira,

[8] A leitores para quem não seja familiar a distinção de Venuti entre domesticar ou estrangeirar uma tradução como princípio ideológico, aconselho a leitura de Venuti (1992).

as traduções de *ter admiração* ou *estar claro* são muito variadas... De qualquer maneira, estes cinco verbos em português não esgotam certamente as formas de exprimir sensações, sentimentos ou julgamentos, visto que apenas 6% das suas ocorrências (38 em 597 casos) foram assim interpretadas, e o léxico da emoção em português contém muitos outros verbos.

TABELA 5: Algumas traduções. TO significa texto original.

Expressão	TO	Traduções
estar claro	DIL	være tydelig (3), være klart, være en selvfølge, være åpenlyst
	DIL	være klart (5), være klarlagt (3), være tydelig (2)
	DSC	selvfølgelig (11), sjølsagt, helt klart
ter razão	EPA	ha rett (4)
	MEC	ha rett
	MEC	ha rett
ter admiração por	EPA	beundre (2), ha beundring for, se opp til
estar mal disposto	MRC	være i dårlig humør (3), ikke ha det så bra
estar satisfeito	SEM	være tilfreds (2), være fornøyd (2)
		være ferdig, ikke flere spørsmål

[8] DISCUSSÃO DE MAIS ALGUNS EXEMPLOS

Terminamos o artigo olhando novamente para a questão das traduções em geral, selecionando alguns casos raros, e como tal indicativos de situações provavelmente mais complicadas ou ainda desconhecidas contrastivamente.

- (16) *Å bli godt kjent med noen innebærer å få vite hvordan de virkelig er. [BEB]*
 “Ser bem conhecido com alguém (...)”
Chegar a conhecer bem alguém inclui ficar a saber como realmente são.

Neste exemplo, devido ao perfil aspetual distinto dos verbos *kjenne* e *conhecer*, a tradução portuguesa adicionou um aspetualizador que indica que é algo que não é obra de um momento (por causa do *bem*). Note-se, por outro lado, que *ficar* é o resultado da tradução de *få*, uma das razões por que *ficar* é significativamente mais frequente em texto traduzido.

Note-se também que a impessoalidade/regra descrita nas duas línguas requer a passiva no norueguês e a ativa no português, embora no exemplo (17) fique claro que a passiva em português também é usada para “impessoalizar”. O exemplo também ilustra o uso de *være* e de *ser* em construções que classifiquei como gramaticais, nomeadamente *det er snakk om* e *seja*.

- (17) A cidade do Rio de Janeiro costuma *ser* caracterizada como um espaço de contrastes polarizado, *seja* no plano geográfico, *seja* nos planos social e econômico.

Byen Rio de Janeiro pleier å *bli* karakterisert som et sted med polariserte kontraster, enten det *er* snakk om det geografiske planet eller det sosiale og økonomiske planet.

“(...) ou é conversa sobre ou (...)”

O próximo exemplo contém mais uma vez uma mudança de voz, da ativa para a passiva, no primeiro caso exprimindo outra vez impessoalidade, mas no segundo devido às propriedades lexicais dos verbos *nascer* e *føde*.⁹

- (18) Só quando a vida adopta a invenção, porque dela se pode servir, é que a palavra do escritor sobrevive e abandona o ninho onde nasceu. [BRI]

Kun når livet adopterer denne oppfinnelsen, fordi den kan *bli* brukt, er det at forfatterens ord overlever og forlater redet hvor den *ble* født.

“(...) porque pode ser usada (...) onde foi nascido”

Todavia, nem todos os casos complicados se referem à passiva: os dois seguintes exemplificam traduções inesperadas. O primeiro traduz *haver* por *ha*¹⁰, e não mantém a repetição de *era*, que é na minha opinião uma característica estilística do texto original, traduzindo a primeira ocorrência por *ble* e a segunda por *var*.

- (19) Mas isso *era* na mercearia do Sr. Mário, porque na outra que *havia* ao pé de minha casa, a do Sr. Manel... *era* ainda um bocadinho pior [MRC]

Men det *ble* alltid butikken til Sr. Mário, fordi den andre vi *hadde* i gangavstand fra huset mitt, den til Sr. Manel... den *var* enda litt verre.

“(...) a outra que tínhamos a pouca distância (...)”

O segundo, por seu lado, é interessante porque traduz *haver* por *finnes*, o que é bastante idiomático, mas não faz algo semelhante com *está*. E eu diria que o *estar* é importante no sentido da localização, e como tal um verbo de posição seria teoricamente mais conforme com o estilo norueguês.

- (20) O mal, quando *há*, *está* naquilo que elas nomeiam. [BRI]

Når det finnes ondskap, er det i det som *blir* navngitt.

“Quando se encontra maldade, é no que é mencionado”

Finalmente, e para ilustrar uma consideração metodológica da maior importância, apresento um caso em que todos os tradutores desprezaram a marcação de

[9] Em norueguês não existe um verbo que signifique *nascer*, mas sim um verbo que significa *dar à luz*, *føde*.

[10] Pode considerar-se um erro de tradução porque *ao pé de* significa simplesmente *próximo*, mas também se pode considerar uma domesticação do texto tornando-o mais concreto e mais norueguês, convertendo para “a uma distância que se pode fazer a pé”...

progressiva – o que, aliás, foi a regra em quase todos os casos de progressiva. Casos em que há uma concordância extrema indicam, com grande probabilidade, áreas em que não existem outras opções de tradução ou de expressão de um dado fenómeno ou ideia.

- (21) E fique muito contente de ter uma bolsa: como dizem nossos detratores, você deveria ficar «muito feliz de *estar sendo* pago para estudar». [CIE]
 Og blir veldig glad for å ha et stipend: som våre motstandere sier, du burde bli «veldig glad for å bli betalt for å studere».
 “(...) contente por ser pago para estudar”

[9] OBSERVAÇÕES FINAIS

Em jeito de conclusão, podemos afirmar que as duas línguas estão estruturadas de maneiras diferentes, e isso vê-se na pouca correspondência que existe entre verbos aparentemente “parecidos”. Além disso, é significativa a influência da voz, do tempo e da modalidade nas escolhas de tradução.

Neste artigo olhámos para “palavrinhas” frequentes e essenciais que muitas vezes são desprezadas na descrição contrastiva, por se encontrarem na charneira entre os foros gramatical e lexical, mas cujo estudo, sobretudo contrastivo e baseado em corpos, representa um passo importante na compreensão de ambas as línguas, e na formação de tradutores. Ao recorrer tanto a métodos quantitativos como a estudos detalhados, também tentei demonstrar que não são incompatíveis e que ambos são úteis para observar a complexidade das línguas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Kristine Eide o reparo sobre a tradução de verbos de suporte feito durante o encontro, e a Joacyr Oliveira as nossas conversas sobre corpos de aprendizes de tradução. Estou grata a Signe Ebeling, Jan Engh e Belinda Maia pelos comentários em relação a uma versão preliminar do artigo, e ao Gruppe for forskningsinfrastruktur da Universidade de Oslo e à Fundação Científica para a Computação Nacional portuguesa pelo apoio técnico.

REFERÊNCIAS

- Allwood, Jens. 1995. Semantic Field of Conflict and Conflict Resolution. In *Festschrift to Gunnar Jakobsson*, Slavic Dept, University of Göteborg.
- Ebeling, Jarle. 2000. *Presentative constructions in English and Norwegian: A corpus-based contrastive study*: Faculty of Arts, University of Oslo dissertation.

- Ebeling, Signe Oksefjell. 2003. *The Norwegian verbs bli and få and their correspondences in English: A corpus-based contrastive study*: Faculty of Arts, University of Oslo dissertation.
- Engh, Jan. 1976. Om den grammatiske kategorien 'futurum'. Norsk leksikografisk institutt, Universitetet i Oslo,.
- Faarlund, Jan Terje, Svein Lie & Kjell Ivar Vannebo. 1997. *Norsk referansegrammatikk*. Universitetsforlag.
- Maia, Belinda. 1994. *A Contribution to the Study of the language of Emotion in English and Portuguese*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto dissertation. <http://web.letras.up.pt/bhsmaia/belinda/pubs/thesis.htm>.
- Malmkjær, Kirsten. 1996. Who walked in the emperor's garden: The translation of pronouns in Hans Christian Andersen's introductory passages. In Gunilla Anderman & C. Banér (eds.), *Proceedings of the tenth biennial conference of the british association of scandinavian studies*, The University of Surrey, Department of Linguistics and International Studies.
- Nilsson, Kåre. 2002. Cómo traducir VÆRE + participio del pretérito al castellano y al portugués? *Romansk Forum* 16(2). 141–152.
- Oksefjell, Signe. 1999. A description of the English-Norwegian Parallel Corpus: Compilation and Further Developments. *International Journal of Corpus Linguistics* 4(2). 197–216.
- Oliveira, Joacyr. 2012. A linguística de corpus na formação de professores. Trabalho em andamento - Anais do XI Encontro de Linguística de Corpus.
- Pontes, Eunice. 1973. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda.
- Ranchhod, Elisabete Marques. 1990. *Sintaxe dos predicados nominais com estar*. Lisboa: INIC.
- Santos, Diana. 1995. On the use of parallel texts in the comparison of languages. In *Actas do XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 217–239.
- Santos, Diana. 1998. A relevância da vagueza para a tradução, ilustrada com exemplos de inglês para português / The relevance of vagueness for translation: Examples from English to Portuguese. *TradTerm* 5. 41–70, 71–78.
- Santos, Diana. 2007. Breves explorações num mar de língua. *Ilha do Desterro* 52. 127–150.

- Santos, Diana. 2014a. Podemos contar com as contas? In Sandra Aluísio & Stella E. O. Tagnin (eds.), *New language technologies and linguistic research: a two-way road*, 194–215. Cambridge Scholars Publishing.
- Santos, Diana. 2014b. Ponte: uma ponte para corpos de aprendizes de tradução mais avançados. Em apreciação.
- Santos, Diana, Belinda Maia & Luís Sarmento. 2004. Gathering empirical data to evaluate MT from English to Portuguese. In Lambros Kranias, Nicoletta Calzolari, Gregor Thurmair, Yorick Wilks, Eduard Hovy, Guðrún Magnúsdóttir, Anna Samiotou & Khalid Choukri (eds.), *Proceedings of LREC 2004 Workshop on the Amazing Utility of Parallel and Comparable Corpora (Lisboa, Portugal, 25 May 2004)*, 14–17.
- Santos, Diana Maria de Sousa Marques Pinto dos. 1996. *Tense and aspect in English and Portuguese: a contrastive semantical study*: Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa dissertation. <http://www.linguateca.pt/Diana/tese.html>. Tese de Doutoramento.
- Tagnin, Stella O. E., Elisa Duarte Teixeira & Diana Santos. 2009. CorTrad: a multiversion translation corpus for the Portuguese–English pair. *Arena Romanistica* 4.
- Venuti, Lawrence. 1992. *Rethinking translation: Discourse, subjectivity, ideology*. London and New York: Routledge.
- Vilela, Mário. 1994. *Tradução e análise contrastiva: Teoria e aplicação*. Caminho.

AUTHOR CONTACT INFORMATION

Diana Santos

Department of Literature, Area Studies and European Languages

University of Oslo

Norway

d.s.m.santos@ilos.uio.no